

DOI: 10.46943/XI.CONEDU.2025.GT10.003

VYGOTSKY E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA A EDUCAÇÃO INCLUSIVA: DA TEORIA DA APRENDIZAGEM ÀS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS

Cleyde Anne de Almeida Souza¹

RESUMO

Este artigo tem como objetivo apresentar as contribuições de Vigotski (1989; 1994; 1997; 2003; 2008) para Educação Inclusiva, destacando aspectos importantes no que diz respeito às suas teorias e, respectivamente, a relação com as práticas pedagógicas. Trata-se de um estudo bibliográfico e de abordagem qualitativa, que teve origem, nas discussões suscitadas, a partir disciplina complementar ofertada no Curso de Doutorado em Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação da Ivy Enber Christian University. Foi realizada uma busca por material bibliográfico em diferentes repositórios acadêmicos que disponibilizam artigos científicos, anais de congressos, teses e dissertações, de modo que tornou possível aprofundar em leituras sobre a teoria histórico-cultural e suas contribuições para a perspectiva inclusiva. Os resultados indicam que mais do que um período transitório, a infância é uma etapa valiosa, rica em potencialidades, onde o aprendizado e o crescimento se entrelaçam, intimamente, com a qualidade das interações sociais, sem as quais implica no desenvolvimento não satisfatório do pensamento e da linguagem. Vigotski defende a convivência escolar sem “homogeneida-

1. Doutoranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências da Educação da Ivy Enber Christian University. Mestre em Educação pela Universidade del Salvador de Buenos Aires/AR. Licenciada em Pedagogia - Habilitação em Docência e Gestão de Processos Educativos pela Universidade do Estado da Bahia, cleyde.aee@gmail.com;

des” onde haja convívio com as diferenças. Como resultado, ressalta-se que a mediação é peça chave para garantir práticas pedagógicas que oportunizem experiências sociais e culturais entre os “diferentes”.

Palavras-chave: Ensino. Aprendizagem. Educação inclusiva. Práticas Pedagógicas

INTRODUÇÃO

Este artigo tem origem em discussões suscitadas na disciplina de Teorias de Ensino e Aprendizagem, disciplina complementar ofertada no Curso de Doutorado em Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação da Ivy Enber Christian University, no ano de 2024. A disciplina propôs, inicialmente, o estudo dos processos de ensino, aprendizagem e desenvolvimento da criança, com o objetivo apresentar as contribuições de Vigotski para a Educação Inclusiva. Posteriormente, foi orientada a escolha de um dos autores discutidos para ampliar leituras e produzir um artigo, levando em consideração elemento(s) da própria prática.

Assim, a escolha foi aprofundar em leituras sobre a abordagem histórico-cultural, ou seja, sobre as teorias da aprendizagem na perspectiva de Vigotski com o objetivo de apresentar suas contribuições à Educação Inclusiva, destacando aspectos importantes no que diz respeito às suas teorias e, respectivamente, a relação com as práticas pedagógicas. Após essa definição, foi realizada uma busca por material bibliográfico em diferentes repositórios acadêmicos que disponibilizam artigos científicos, anais de congressos, teses e dissertações.

Lev. S. Vigotski (1896 - 1934), psicólogo e teórico da aprendizagem, foi um dos primeiros autores a fundamentar teorias que contribuíram para a difusão do pensamento inclusivo. O autor destaca que o desenvolvimento da linguagem e do pensamento ocorre a partir das interações sociais, ressaltando a importância da convivência entre todos, inclusive das pessoas com deficiência, sem que sejam vistas apenas sob o olhar das limitações ou da homogeneidade. Interferência nesse processo afetam o desenvolvimento humano e da aprendizagem. Nota-se ênfase à necessidade do aprender a conviver com as diferenças, sem que hajam segregações (isolamentos), uma vez que a sua teoria tenha como premissa a importância da garantia de qualidade nas interações sociais, seja na família, escola ou sociedade.

Sabemos que, historicamente, a infância sempre foi considerada uma fase específica e fundamental do desenvolvimento humano.

Somente a partir do século XX que a infância passou a ser percebida como um período com características próprias e com necessidade de cuidados e atenção específicos. Nesse contexto, emergem as teorias de Piaget, Vigotski e Wallon, enquanto marcos fundamentais para a compreensão das particularidades do desenvolvimento infantil e suas relações com o aprendizado.

Para Piaget, a infância é uma fase intensa de construção cognitiva, na qual o desenvolvimento de estruturas mentais acontece em decorrência da interação com o ambiente, ocorrendo em estágios sequenciais. Wallon dá ênfase ao papel das emoções no desenvolvimento humano ao abordar a infância como um período de intensa integração ente afetividade, cognição e motricidade. Vigotski aborda o papel do contexto social e das interações mediadas na construção de conhecimentos.

No decorrer deste artigo, após um registro sobre o caminho metodológico, serão discutidos os seguintes tópicos: concepção de infância (s) – neste será apresentada uma breve reflexão sobre como a infância era concebida e a importância de sua ressignificação; educação inclusiva à luz de Vigotski – este tópico apresenta pontos relevantes da perspectiva histórico - cultural e sua contribuição para a educação inclusiva; contribuições para as práticas pedagógicas – ponto onde se discute como e quais as efetivas contribuições da teoria vigostkiana para as práticas pedagógicas e, por fim, as considerações finais.

METODOLOGIA

A presente pesquisa adota uma abordagem qualitativa, uma vez que busca apresentar as contribuições de Vigotski para a Educação Inclusiva, da teoria às práticas pedagógicas. O estudo tem caráter bibliográfico, sendo desenvolvido através de uma análise interpretativa e reflexiva, após a busca por material bibliográfico em diferentes repositórios acadêmicos que disponibilizam artigos científicos, anais de congressos, teses e dissertações, bem como capítulos de livros. Em uso do material coletado

tornou possível aprofundar nas leituras sobre a teoria histórico-cultural e suas contribuições para a perspectiva inclusiva.

A pesquisa bibliográfica assumiu um papel central, neste estudo, por possibilitar a ampliação do conhecimento sobre o objeto investigado, oferecendo uma visão abrangente e crítica a cerca das contribuições já sistematizadas. Conforme pondera Lakatos e Marconi (2021, p.43): “A pesquisa bibliográfica não é uma simples repetição do que já foi dito ou escrito sobre certo assunto, mas proporciona o exame de um tema sob novo enfoque, chegando a conclusões inovadoras”.

Em outras palavras, a escrita deste artigo demandou análise crítica, interpretação e reflexão, permitindo diálogo com diferentes autores, sob intenção de construir um olhar sobre o objeto de estudo ou suscitar novas curiosidades, novas possibilidades de pesquisa. Por este motivo, não se trata de copiar ideias, mas reinterpretar escritos anteriores, estabelecendo relações, identificando contradições ou novas possibilidades de abordagens.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A concepção de infância é uma construção social que, ao longo da história, passou por transformações significativas, refletindo os valores, as crenças e as condições socioculturais de cada época. Hoje, a infância é compreendida como uma fase singular e essencial da vida humana, dotada de características próprias e necessidades específicas, mas essa visão nem sempre foi predominante. Na Idade Média, as crianças eram vistas e tratadas como “adultos em miniatura”, de modo que

a partir dos 3 a 4 anos participavam das mesmas atividades que os adultos, inclusive orgias, enforcamentos públicos, trabalhavam nos campos e vendiam seus produtos nos mercados, além de serem alvos de todo tipo de atrocidades pelos adultos (Rappaport, 1981, p.1).

Apenas com o advento do Renascimento e o desenvolvimento do humanismo é que a criança começou a ser percebida como um ser em

formação, necessitando de cuidados e educação específicos. No século XVII, o filósofo John Locke introduziu a ideia da tábula rasa, afirmando que a criança nasce como uma folha em branco, sendo moldada pelas experiências vividas, mesmo período em que a igreja afasta crianças de assuntos relacionados a sexo, apontando as inequações.

No século XVIII, Jean-Jacques Rousseau, em sua obra Emílio, trouxe uma defesa à infância como uma fase natural e distinta, onde a criança deveria ter suas peculiaridades respeitadas e estimulada para aprender em harmonia com a natureza. Já entre o século XIX e início do século XX, passou-se a haver uma maior preocupação, inclusive de maneira sistematizada no que diz respeito à criança, principalmente quando Freud trouxe à tona suas descobertas sobre a relação entre o que se vive na infância e os distúrbios de personalidades na idade adulta.

Hoje, influenciados por teorias de autores como Vigotski, Piaget e Wallon, compreendemos a infância como uma etapa singular do desenvolvimento humano, em que a criança passou a ser reconhecida como um sujeito ativo, pleno em suas capacidades e potencialidades. Essa visão reconhece a criança como protagonista de sua aprendizagem e como parte de um contexto social, cultural e histórico que influencia e é influenciado por ela, de modo que,

[...] a antropologia nos permite entender outros modos de ser criança que nem sempre são reconhecidos nas políticas públicas de saúde, educação, e no direito, mesmo naquelas políticas mais bem-intencionadas e mais afeitas aos direitos da criança e do adolescente (Cohn, 2013, p.239).

Contemporaneamente, a infância é vista como um momento de descobertas, experimentações e desenvolvimento integral, abrangendo os aspectos físico, cognitivo, emocional e social. Nesse sentido, ela não é homogênea, mas marcada pela diversidade de experiências, culturas, contextos familiares e históricos. Os escritos de Vigostki corrobora com esta percepção ao ponderar que, desde o nascimento, as crianças estão em constante interação com os adultos, que ativamente procuram incor-

porá-las à sua cultura e à reserva de significados e de modos de fazer as coisas que se acumulam historicamente. No começo, as respostas que as crianças dão ao mundo são denominadas pelos processos naturais, especialmente aqueles proporcionados por sua herança biológica, mas através da constante mediação dos adultos, processos psicológicos instrumentais mais complexos começam a tomar forma (Vigotski; Luria; Leontiev, 2010).

Na perspectiva desta abordagem sociocultural, dá-se ênfase ao papel das interações sociais mediadas por ferramentas culturais para a construções dos processos de mediação no que tange as zonas de desenvolvimento. E, ao se referir à educação de pessoas com deficiência, temos as intervenções pedagógicas como peças chave, uma vez que estas contemplem o apoio necessário para a criança avançar, oferecendo assim, o suporte necessário às suas especificidades, ou seja, às habilidades que ainda não conseguiu consolidar.

Vigotski (1994) considera o biológico como sendo importante para o ser humano, mas ao se pensar sobre a aprendizagem, sobre o desenvolvimento dos aspectos culturais e na obtenção das funções psicológicas superiores, o teórico defende que é a vivência e a interação social que propicia ao sujeito aprender a falar, escrever, formar conceitos básicos, ou seja, a desenvolver as suas funções psicológicas superiores como memória, formação de conceitos, atenção, fala, pensamento, vontade, emoção, percepção etc. (Silva e Araújo, 2024).

Assim, é possível compreender que o desenvolvimento das funções psicológicas superiores não está restrito apenas às questões de ordem biológica, uma vez que são estimuladas e desenvolvidas conforme a realidade social da criança, por influência do meio em que se vive e as interações que estabelecem nos seus grupos sociais (escola, família, igreja, etc). Dessa maneira, “a criança, cujo desenvolvimento foi complicado por uma deficiência, não é menos desenvolvida que seus contemporâneos normais, é uma criança, mas desenvolvida de outro modo” (Vigotski, 1989, p. 3).

Nesta perspectiva, desloca-se o foco das limitações individuais para a qualidade das interações pedagógicas e dos ambientes de aprendiza-

gem. Ao valorizar o potencial de cada aluno, Vigotski reforça que todas as crianças, independentemente de suas condições ou diagnósticos, têm capacidade de aprender e se desenvolver através de estratégias alternativas. Por este motivo, a Educação Inclusiva contrapõe-se a qualquer forma de exclusão e tem por objetivo garantir o direito à educação para todos, promovendo a equidade e a valorização da diversidade. Trata-se de criar ambientes educativos que respeitem, acolham, considerem as potencialidades e atendam às necessidades específicas.

O conceito de Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP) é central na teoria vigotskiana e fundamental para a educação inclusiva por ser compreendida como o espaço entre o que a criança já consegue realizar sozinha e o que pode alcançar com a ajuda de um mediador mais experiente, como professores ou colegas. Numa linha inclusiva, a ZDP implica que o sucesso da aprendizagem não depende exclusivamente das habilidades intrínsecas do aluno, mas da qualidade e adequação do suporte oferecido.

Para Vigotski, a aprendizagem ocorre por meio da mediação, quer dizer, pela intervenção de ferramentas culturais e do outro, que ajudam a criança a construir conhecimento. Na Educação Especial Inclusiva, isso significa criar ambientes que ofereçam suporte adequado e acessível a todos, como adaptações curriculares, recursos tecnológicos, tecnologias assistivas e metodologias diversificadas.

Assim, a Educação Especial Inclusiva, fundamentada na teoria histórico-cultural de Vigotski, reafirma o papel transformador da escola como espaço de aprendizagem, equidade e cidadania. Contemplar os princípios da inclusão beneficia não apenas os alunos com necessidades específicas, mas todos os envolvidos no processo educativo.

Otto (2005, p. 2), contribui ao dizer que

pesquisas tem comprovado os benefícios para as crianças ditas normais, especialmente no aspecto socioafetivo e oral, e que muitas delas tem aprendido a construir e praticar atitudes de tolerância, aceitação e colaboração com as crianças com deficiência.

A convivência entre crianças típicas e crianças neuro divergentes além de tornar o ambiente inclusivo, contribui para o desenvolvimento de competências socioemocionais fundamentais, como empatia, respeito, solidariedade e cooperação. Essas experiências promovem aprendizagens humanas e éticas que vão além dos conteúdos curriculares, fortalecendo o desenvolvimento integral dos sujeitos, acolhendo as diferenças, ampliando o olhar de todos sobre o que é diversidade, desconstruindo preconceitos e favorecendo a criação de vínculos afetivos.]

Torna-se notória a contribuição da teoria vigostskiana para as práticas pedagógicas com ênfase na inclusão, uma vez que nos proporciona reflexões que permitem construir a percepção do papel da interação social, da mediação e da cultura no desenvolvimento humano, oferecendo fundamentos teóricos para práticas pedagógicas que valorizam a diversidade e oportunizam a inclusão de todos os alunos, independentemente de suas condições ou necessidades específicas.

Sendo assim, entende-se aqui por práticas pedagógicas inclusivas, as ações educativas desenvolvidas e efetivadas pelos docentes, no âmbito escolar, com o intuito de garantir que todos os alunos, com ou sem deficiência, dificuldades de aprendizagem ou diferenças socioculturais, possam participar plenamente das atividades escolares. nas práticas pedagógicas inclusivas, cabe criar oportunidades para que colaborem uns com os outros, troquem experiências e aprendam juntos. A sala de aula torna-se um espaço onde a diversidade não deva ser apenas respeitada, mas também, valorizada como um recurso pedagógico que beneficia a todas as crianças.

A criança é um ser social que constrói conhecimento e identidade nas interações com o outro e com o ambiente e, por isso a necessidade de reconhecê-la como sujeito ativo, proporcionando ambientes de aprendizagem que respeitem sua curiosidade, criatividade e capacidade de construção. Isso envolve práticas pedagógicas que considerem suas necessidades, interesses e ritmos, promovendo experiências significativas e que integrem os diversos saberes. Vale ressaltar, que Vigotski (1997

apud Silva e Araújo, 2024, p.8) “defendia a necessidade de se haver uma reestruturação dos princípios aplicados na escola e promover uma vinculação da pedagogia direcionada ao sujeito com deficiência com as bases gerais da educação social”.

Isso reforça a importância do olhar inclusivo sobre as práticas pedagógicas na escola, do ato de considerar as potencialidades e as necessidades específicas de cada aluno, promovendo seu desenvolvimento em um ambiente inclusivo e colaborativo, e, inclusive, reconhecendo que as ZDP's permitem ao professor a percepção de intervenções específicas necessárias com a intencionalidade de estimular os possíveis avanços na aprendizagem. Tais aspectos sobrepõem à visão tradicional de que a deficiência é uma limitação fixa, uma perspectiva em constante processo de superação, da qual considerava o aluno com deficiência como alguém incapaz de aprender ou de acompanhar o processo educativo comum, centrando-se em suas limitações.

Com a abordagem inclusiva, ao se propor uma **ressignificação dessa compreensão**, reconhece-se que o desenvolvimento e a aprendizagem são processos dinâmicos, influenciados pelas interações sociais, pelas mediações pedagógicas e pelas oportunidades oferecidas no ambiente escolar, como já fora citado em outros trechos deste texto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nota-se que ao longo dos anos, houveram significativas mudanças na concepção de infância, sendo necessário, hoje, entender a criança como um ser social que constrói conhecimento e identidade nas interações com o outro e com o ambiente. A concepção contemporânea de infância nos desafia a repensar nossas práticas sociais, culturais e educacionais, nos convidando ao reconhecimento e respeito às singularidades, de modo a assegurar acesso igualitário às oportunidades de desenvolvimento pleno.

Para além disso, se faz necessário ampliar olhares sobre a perspectiva de uma educação inclusiva, que possa acolher as diferentes infâncias,

alargando possibilidades de práticas pedagógicas que contemple a equidade. E, nesse sentido, à luz de Vigotski, a educação inclusiva é mais do que a integração física de crianças com necessidades específicas nas escolas regulares. É um compromisso com a criação de ambientes educativos onde sejam valorizados, apoiados e desafiados a alcançar seu potencial máximo. Em uma sala de aula inclusiva, as interações entre alunos com diferentes habilidades e experiências criam um ambiente rico em diversidade, no qual todos podem aprender uns com os outros.

Assim, tanto aos profissionais da sala de aula comum de ensino regular, quanto aos profissionais que atuam em Sala de Recursos Multifuncionais (no Atendimento Educacional Especializado), convém conhecer e compreender as contribuições de Vigotski para a Educação Inclusiva, de modo a efetivá-la no contexto educacional, organizando situações pedagógicas e culturais que reverberem em práticas educacionais inclusivas que tenham a mediação como peça chave para garantir experiências sociais e culturais entre os “diferentes”.

REFERÊNCIAS

Beyer, H. O. **Por que Lev Vygotski quando se propõe uma educação inclusiva?**

Revista Educação Especial, núm. 26, -, 2005, p. 1-4.

Cohn, Clarice. **Concepções de infância e infâncias:** Um estado da arte da antropologia da criança no Brasil. Disponível em < <https://www.scielo.br/j/civitas/a/4SYMpFLYrqF6pPc6g7xPCzJ/> Acesso em 3 jan 2025.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica.** 9. ed. São Paulo: Atlas, 2021.

MITTLER, P. **Educação inclusiva: contextos sociais.** São Paulo: Artmed, 2003.

NETA, A. S. O. ; NASCIMENTO, R. M; FALCÃO, G.M.B. **Contribuições de vigotsky à concepção de educação inclusiva.** Disponível em: < https://editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2019/TRABALHO_EV127_MD1_SA10_ID11349_03102019220327.pdf Acesso em 28 dez 2024

OLIVEIRA, M. K. **Vygotsky: aprendizado e desenvolvimento, um processo sócio-histórico**. 4. ed. São Paulo: Scipione, 2002.

OLIVEIRA, M. K. **Vygotsky e o processo de formação de conceitos**. La Taille y otros. Piaget, Vygotsky, Wallon: teorias psicogenéticas em discussão, p. 23-34, 1992.

RAPPAPORT, Clara Regina; FIORI, Wagner da Rocha; DAVIS, Cláudia. **Psicologia do Desenvolvimento: A infância inicial: o bebê e sua mãe**. São Paulo: EPU, 1981. 90 p.V.1.

REGO, T. C. Vygotsky: uma perspectiva histórico-cultural da educação. 12. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2001.

SILVA, A. P. A.; Araújo, M. P. N. **Contribuições de Vigotski para a educação especial na perspectiva da educação inclusiva**. Disponível em: < <https://artefactumjournal.com/index.php/artefactum/article/view/2256> > Acesso em 28 dez 2024.

VIGOTSKI, L. S. **A defectologia e o estudo do desenvolvimento e da educação da criança anormal**. Revista Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 37, n. 4, p. 861-870, dez. 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/x987G8H9nDC-cvTYQWfsn4kN/>. Acesso em; 21 dez. 2024.

VIGOTSKI, L. S. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos**. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

VIGOTSKI, L. S.; LURIA, A. R.; LEONTIEV, A. N. **Linguagem, Desenvolvimento e Aprendizagem**. Tradução de: Maria da Pena Villalobos. 11.ed. São Paulo: Ícone, 2010.

VIGOTSKI, L. S. Obras Escogidas: **Fundamentos de defectologia**. Tomo V. Madrid: Visor, 1997.

VIGOTSKI, L. S. **Pensamento e linguagem**. Trad. Jefferson Luiz Camargo. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

VIGOTSKI, L. S. **Psicologia Pedagógica**. Trad. Cláudia Schilling – Porto Alegre: Artmed, 2003.

VIGOTSKI, L. S. **Sete aulas de L. S. Vigotski sobre os fundamentos da pedologia**. Organização [e tradução]: Zoia Prestes e Elizabeth

VIGOTSKY, Lev Semenovitch. **A defectologia e o estudo do desenvolvimento e da educação da criança anormal**. Educação e Pesquisa, v. 37, n. 4, p. 863-869, 2011.